



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO,
ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA



MARIA FERNANDA MENDES PANTUZA

**IMPACTO DA INOVAÇÃO NO TRABALHO ARTESANAL EM PEDRA-SABÃO:
UM ESTUDO NA FEIRINHA DE OURO PRETO**

Ouro Preto, 2025

MARIA FERNANDA MENDES PANTUZA

**IMPACTO DA INOVAÇÃO NO TRABALHO ARTESANAL
EM PEDRA-SABÃO: UM ESTUDO NA FEIRINHA DE OURO
PRETO**

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Engenharia de Produção.

Orientador: Dr Tays Torres das Chagas

Ouro Preto, 2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO,
ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Fernanda Mendes Pantuza

Impacto da Inovação no Trabalho Artesanal em Pedra Sabão: Um Estudo na Feirinha de Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção, Administração e Economia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira de Produção.

Aprovada em 04 de dezembro de 2025

Membros da banca

Doutora - Tays Torres Ribeiro das Chagas - Orientadora Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Máximo Eleotério Martins - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Yã Grossi Andrade - Universidade Federal de Ouro Preto

Tays Torres Ribeiro das Chagas, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/12/2025



Documento assinado eletronicamente por **Tays Torres Ribeiro das Chagas, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/12/2025, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maximo Eleoterio Martins, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/12/2025, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1029061** e o código CRC **96361463**.

“Seja forte e corajoso.” (Josué 1:9)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela proteção, pelas bênçãos concedidas e pela certeza de que nunca estive sozinha nesta caminhada.

À minha família, minha base e porto seguro. Mãe e Pai, obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio em todos os momentos. Às minhas irmãs, Ana Clara e Emanoelle, pela parceria e incentivo constante. Estendo minha gratidão à família Mendes e Pantuza, em especial aos meus avós Arnaldo, Walter, Gracinha e Maria Odete, que são exemplos de inspiração e força para mim.

Aos meus amigos, que tornaram esta jornada mais leve e significativa. Em especial, aos de Rio Casca, minha cidade natal, que me acompanharam ao longo de toda a trajetória; à República Artigo Luxo, que se tornou um verdadeiro lar; e aos colegas e amizades construídas durante a graduação, que contribuíram para que este percurso fosse ainda mais enriquecedor.

À Universidade Federal de Ouro Preto e ao Departamento de Engenharia de Produção, Administração e Economia (DEPRO), pela formação de excelência e pelo suporte à minha trajetória acadêmica. Estendo meu agradecimento a todos os professores que, com seus ensinamentos e dedicação, contribuíram para minha formação.

Por fim, registro meu sincero agradecimento à minha orientadora, professora Tays, pela dedicação, pelas valiosas contribuições e pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal, que ao longo dessa trajetória se tornou também uma grande amiga.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso, deixo aqui minha eterna gratidão.

RESUMO

Apesar de sua relevância simbólica e econômica, o artesanato enfrenta desafios ligados à sua sustentabilidade. A crescente valorização de inovações técnicas e estéticas, impulsionadas por demandas do mercado e transformações sociais, impõe a necessidade de refletir sobre os limites e as possibilidades da inovação no contexto artesanal. Este trabalho analisou como os artesãos da Feirinha de pedra-sabão de Ouro Preto articulam saberes tradicionais e inovações em seu ofício, observando os impactos dessas transformações na valorização, identidade e continuidade do trabalho. O objetivo geral desse trabalho é analisar como a inovação contribui para a produção e venda dos artefatos em pedra-sabão. A metodologia adotada foi a qualitativa e exploratória, baseada em um estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco artesãos atuantes na feirinha, complementadas por observações de campo, visando capturar suas percepções sobre as transformações em seus modos de produção. Os resultados e discussões revelaram que a inovação no artesanato de pedra-sabão manifesta-se principalmente como inovação incremental e estética, visando otimizar processos ou adaptar designs a novas tendências de mercado. Contudo, a singularidade do trabalho manual e o tempo dedicado à produção muitas vezes não se traduzem em valor econômico equivalente, gerando uma desvalorização percebida pelos artesãos. Em conclusão, o estudo reafirma que a inovação no artesanato em pedra-sabão é um processo contínuo de equilíbrio entre tradição e modernidade. Embora essencial para a viabilidade econômica, ela não anula a essência autoral e o profundo valor sociocultural do trabalho artesanal. A pesquisa destaca a resiliência dos artesãos e a urgência de um maior reconhecimento do artesanato, não apenas como produto, mas como um modo de vida que contribui significativamente para a identidade cultural e a autonomia individual.

Palavras-chaves: Artesanato, Inovação, Pedra-Sabão, Ouro Preto.

ABSTRACT

Despite its symbolic and economic relevance, handicrafts face sustainability challenges. The growing appreciation for technical and aesthetic innovations, driven by market demands and social transformations, demands reflection on the limits and possibilities of innovation in the artisanal context. This study analyzed how artisans at the Ouro Preto Soapstone Fair combine traditional knowledge and innovation in their craft, observing the impact of these transformations on the value, identity, and continuity of their work. The overall objective of this study is to analyze how innovation contributes to the production and sale of soapstone artifacts. The methodology adopted was qualitative and exploratory, based on a case study. Data were collected through semi-structured interviews with five artisans working at the fair, complemented by field observations, aiming to capture their perceptions of the transformations in their production methods. The results and discussions revealed that innovation in soapstone crafts manifests primarily as incremental and aesthetic innovation, aimed at optimizing processes or adapting designs to new market trends. However, the uniqueness of manual labor and the time dedicated to production often do not translate into equivalent economic value, leading to a perceived devaluation among artisans. In conclusion, the study reaffirms that innovation in soapstone craftsmanship is an ongoing process of balancing tradition and modernity. While essential for economic viability, it does not negate the authorial essence and profound sociocultural value of artisanal work. The research highlights the resilience of artisans and the urgent need for greater recognition of craftsmanship, not only as a product, but as a way of life that significantly contributes to cultural identity and individual autonomy.

Keywords: Crafts, Innovation, Soapstone, Ouro Preto.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Novas técnicas de acabamento.	21
Figura 2 – Inovação nas cores.	21
Figura 3 – Embalando mercadorias para entrega online.	22
Figura 4 – Feira de pedra-sabão de Ouro Preto.	25
Figura 5– Trabalhos feitos por artesãos em pedra-sabão.	26
Figura 6– Pintura em pedra-sabão.	26
Figura 7–Cinzeiro em pedra sabão.	27
Figura 8– Fernando César decorando uma peça em pedra-sabão.	28
Figura 9– Entrevista com o artesão Fernando César.	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	12
2.1	Objetivo Geral	12
2.2	Objetivos Específicos	12
3	JUSTIFICATIVA	13
4	REFERENCIAL TEÓRICO	14
4.1	História e Pertencimento da pedra-sabão em Minas Gerais	14
4.1.2	Saber Tácito do Artesanato	16
4.1.3	Transmissão de Saberes	16
4.2	Artesanato, Cultura e Identidade	17
4.3	Produção Artesanal	19
4.3.1	Entre tradição e Inovação	18
4.3.2	Inovação no Artesanato: Tipologias	20
4.3.3	Mercado e Sustentabilidade do Artesanato	23
5	METODOLOGIA	24
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
7	CONCLUSÃO FINAL	33
8	Anexo	35
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O artesanato é uma das formas mais antigas de produção material da humanidade, representando não apenas um meio de subsistência, mas também uma manifestação simbólica de identidade, memória e pertencimento. Em Ouro Preto, cidade considerada patrimônio mundial, destaca-se o trabalho manual com a pedra-sabão, elemento central na construção da cultura local, presente em esculturas, objetos utilitários e expressões da arte sacra barroca.

Cidades históricas, como Ouro Preto, preservam essa tradição por meio da atuação contínua de artesãos e artesãs que mantêm vivas técnicas ancestrais, ao mesmo tempo em que adaptam suas criações às exigências de um mercado contemporâneo em constante transformação (Biehl; Da Costa, 2019).

O esteatito, popularmente conhecido como pedra-sabão, é valorizado por sua resistência e maleabilidade, sendo utilizado desde o período colonial na confecção de obras que marcaram a história da arte no Brasil. Essa pedra permanece como matéria-prima central na economia criativa dessa região, como o distrito de Santa Rita, local onde se concentram polos significativos da produção artesanal (Galvão, 2021).

Atualmente, o artesanato em pedra-sabão é valorizado não apenas por sua funcionalidade ou beleza estética, mas por representar uma alternativa simbólica à padronização da produção industrial, expressando criatividade, originalidade e identidade. Essa produção desperta o interesse de consumidores que buscam autenticidade e conexão com os saberes locais, e turistas que visitam Ouro Preto frequentemente adquirem peças de pedra-sabão como lembranças significativas (Souza, 1993).

Os objetos produzidos artesanalmente vão além de sua utilidade prática, traduzindo comportamentos, expressando mensagens e carregando significados que refletem o contexto de vida do artesão que os cria (Vives, 1983).

O artesanato, portanto, não é uma atividade isolada, mas profundamente enraizada na vida cotidiana da comunidade em que é produzido, possuindo um valor simbólico e prático, e o processo de aprendizado ocorre de forma informal, sendo transmitido pela observação e prática contínua (Martins, 1973).

De modo geral, o artesanato pode ser compreendido como uma prática que carrega significados simbólicos e culturais, contribuindo para a afirmação de identidades e a valorização dos territórios onde é produzido (Mello, 2016). Esse resgate do trabalho manual enquanto prática significativa reflete a valorização de um saber tradicional que se opõe à homogeneização produtiva e à alienação do fazer.

Cada peça carrega marcas únicas de quem a produziu, constituindo-se como elo entre passado e presente, tradição e renovação, com conhecimentos tradicionais que se mantêm ao longo do tempo, conferindo singularidade e identidade própria (Vargas, 2016).

Nesse sentido, a pedra-sabão transcende sua materialidade, tornando-se suporte da memória coletiva, da identidade regional e da economia criativa. A permanência do uso da pedra-sabão no artesanato mineiro evidencia uma forma de resistência, tanto simbólica quanto prática, de um modo de vida que persiste mesmo diante das pressões da modernidade e da lógica mercadológica.

Ao analisar o contexto nacional, observa-se que, apesar de alguns avanços, o setor artesanal ainda enfrenta entraves estruturais para seu fortalecimento, sendo frequentemente tratado como uma atividade complementar de renda, sem o devido reconhecimento de seu valor simbólico, cultural e econômico (Vargas, 2016).

Essa visão contribui para uma tensão constante entre a preservação dos saberes tradicionais e a necessidade de adaptação aos padrões e exigências de um mercado competitivo, marcado por consumidores em busca de inovação, exclusividade e valor estético. Essa realidade também se reflete em Ouro Preto, onde artesãos da pedra-sabão precisam conciliar sua herança cultural com as pressões do turismo e das demandas comerciais contemporâneas.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo geral analisar como a inovação contribui na produção e venda dos artefatos produzidos em pedra-sabão, buscando compreender a dinâmica entre tradição e inovação nesse ofício. Para tanto, foram estabelecidos três objetivos específicos a serem respondidos ao longo da pesquisa, utilizando uma metodologia exploratória baseada em entrevistas semiestruturadas e observação em campo na feirinha de pedra-sabão de Ouro Preto.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar como a inovação contribui na produção e venda dos artefatos produzidos em pedra-sabão.

2.2 Objetivos Específicos

- Examinar como a inovação e a mecanização dos processos produtivos afetam a singularidade e a valorização do artesanato;
- Compreender de que forma o artesanato resiste à lógica da produção industrial e à substituição pelo trabalho automatizado;
- Identificar os impactos socioculturais do trabalho artesanal e sua contribuição para a identidade e autonomia dos trabalhadores.

3 JUSTIFICATIVA

Na atualidade, vivemos em uma sociedade marcada pelo consumo acelerado, onde as demandas são constantemente substituídas e o que hoje é desejado amanhã já se torna obsoleto. Nesse contexto de constantes transformações, os produtos artesanais que, em sua origem, atendiam às necessidades práticas das comunidades, passaram por um processo de ressignificação, com novas formas de produção e comercialização que incorporaram saberes, técnicas e ferramentas, mas preservando modos de fazer tradicionais (Tedesco, 2012).

Isso permitiu ao artesanato se tornar uma atividade economicamente viável, ao mesmo tempo em que se observa um paradoxo contemporâneo de crescente interesse por produtos que preservam traços humanos, culturais e subjetivos, como os artesanais, mesmo com o avanço da industrialização (Sennett, 2009).

Apesar de seu valor simbólico e cultural, o artesanato enfrenta importantes desafios para manter sua sustentabilidade econômica sem comprometer sua autenticidade e singularidade criativa. A necessidade de gerar renda e atender às demandas cotidianas frequentemente leva à ampliação da escala produtiva e à maximização dos lucros, o que pode reduzir o significado do fazer manual.

Soma-se a isso a escassez de novos profissionais qualificados, as dificuldades de adaptação às dinâmicas de um mercado competitivo e globalizado, e a ausência de políticas públicas eficazes para a proteção da propriedade intelectual sobre as criações artesanais.

Diante desse cenário, este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender as tensões entre preservação e inovação na produção artesanal, buscando refletir sobre estratégias que assegurem sua continuidade, promovam sua valorização e contribuam para o fortalecimento do saber manual como prática cultural, econômica e socialmente relevante.

Compreender como os artesãos de Ouro Preto vivenciam e se adaptam a essas mudanças torna-se essencial para a manutenção de um patrimônio vivo e de uma forma de vida que resiste às pressões da modernidade.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 História e Pertencimento da pedra-sabão em Minas Gerais

O esteatito, conhecido como pedra-sabão, é uma rocha metamórfica composta predominantemente por talco, conferindo-lhe uma textura macia, coloração esverdeada ou acinzentada e alta resistência térmica. Essas propriedades a tornam adequada para o trabalho artesanal, permitindo cortes e entalhes com ferramentas simples, sendo facilmente riscada pela mão, o que, segundo o geólogo Fernando Barros Puperi, faz com que admita corte com faca de aço "como um sabão, daí pedra-sabão" (Galvão, 2021). A facilidade de manuseio e durabilidade contribuíram para sua ampla utilização.

Em Ouro Preto, o uso da pedra-sabão teve início no século XVIII, sendo aplicada na confecção de esculturas, na decoração de igrejas barrocas e na criação de utensílios culinários. A pedra-sabão conquistou protagonismo na arquitetura das cidades históricas mineiras, especialmente a partir do século XVIII, quando foi amplamente utilizada em elementos decorativos e estruturais de templos religiosos (Galvão, 2021). Isso foi impulsionado pelo talento do escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que incorporou a rocha em diversas obras marcantes da arte sacra barroca, substituindo o mármore.

Entre as obras de Aleijadinho, destaca-se a escultura dos Doze Profetas, localizados no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, hoje reconhecidos como patrimônio cultural nacional. Outro ícone mundialmente conhecido é o revestimento do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, feito com pedra-sabão em 2008, o que reforça seu valor simbólico e estético na cultura brasileira (Galvão, 2021). Essa história demonstra a relevância duradoura da pedra

sabão na formação da identidade artística e cultural de Minas Gerais.

A produção artística em esteatito resulta da confluência de saberes tradicionais transmitidos por diferentes povos, com destaque para africanos escravizados, crioulos, mestiços e libertos que atuaram nos canteiros de obras e oficinas durante o período colonial (Galvão, 2021).

Esses grupos sociais, muitas vezes invisibilizados nos registros oficiais, desempenharam papel central na constituição do barroco mineiro, tanto na dimensão estética quanto nos processos de extração, corte e escultura da pedra-sabão, matéria-prima amplamente disponível nas regiões montanhosas de Minas Gerais. Mais do que mão de obra, essas populações foram agentes culturais fundamentais na construção de uma linguagem artística que mescla influências da tradição europeia com elementos da cultura afro-brasileira

(Rezende, 2011).

Tal herança reforça o caráter coletivo e popular do artesanato mineiro, cujo valor transcende a técnica e expressa uma memória viva construída por mãos muitas vezes invisibilizadas pela história. No contexto colonial, a intensa demanda por construções religiosas impulsionou o desenvolvimento artístico na região, e a arte ultrapassou os limites artísticos, significando uma mentalidade ou um comportamento combativo de um povo que lutou pela sua liberdade (Rezende, 2011).

O artista e pesquisador Julio Meiron atribui à pedra-sabão o elemento representativo da transformação da natureza em cultura, afirmando que, "apesar dos nossos minérios terem sido explorados pelos países europeus, o que ficou aqui foi a arte, algo ainda mais valioso do que o ouro" (Rezende, 2011).

A pedra-sabão não apenas molda objetos, mas também identidades de um povo, sendo uma matéria-prima profundamente enraizada na cultura brasileira, cujo saber-fazer é transmitido dentro dos lares, de pai para filho (Fischer e Soares, 2010).

Os saberes envolvidos em cada etapa da produção artesanal são tradicionalmente repassados de geração em geração, destacando a importância do núcleo familiar como responsável por essa transmissão. Esse conhecimento tradicional conserva técnicas ancestrais ao mesmo tempo em que se reinventa, adaptando-se a novos usos, formatos e exigências do mercado contemporâneo (Fischer e Soares, 2010).

Segundo Souza (1993), o valor do artesanato reside na capacidade do artesão de expressar sua criatividade e suas origens culturais por meio do desenvolvimento de suas peças, enquanto o mercado consumidor busca adquirir produtos que se diferenciam pela qualidade e pela expressão cultural. Dessa forma, a compra de artigos artesanais implica a transmissão de elementos culturais e criativos do produtor para o consumidor, configurando uma relação que resgata a autenticidade e a subjetividade do trabalho manual. A rocha torna-se, assim, mais do que um recurso natural, sendo um meio de expressão, suporte simbólico e canal de continuidade cultural.

Cada peça produzida com essa rocha carrega consigo uma carga única de significados, e o processo criativo envolve a leitura sensível da matéria-prima, que por si só já é singular, tornando impossível a replicação exata de qualquer artefato mesmo pelo próprio artesão. A individualidade de cada pedra se soma à subjetividade do criador, e o resultado é uma obra que sintetiza a memória, a técnica e a expressão pessoal de quem a produziu. Essa relação íntima entre artesão e material reforça a ideia de que, em cada peça, há uma combinação irrepetível entre natureza, experiência e identidade (Nascimento, 2012).

4.1.2 Saber Tácito do Artesanato

O saber tácito, no contexto artesanal, refere-se ao conhecimento não formalizado que é adquirido através da experiência prática, da observação e da repetição contínua. Esse tipo de conhecimento é frequentemente difícil de articular ou codificar em manuais, sendo transmitido de forma implícita, muitas vezes por meio da convivência e do "aprender fazendo" (Martins, 1973).

No trabalho com a pedra-sabão, o tato, a sensibilidade ao material e a intuição sobre o processo são exemplos claros desse saber, que se manifesta na habilidade de manipular a rocha e transformá-la em artefatos únicos. Essa forma de conhecimento é importante para a maestria artesanal, pois permite ao artesão desenvolver um profundo entendimento do material e das ferramentas, otimizando o processo produtivo de maneiras que vão além das instruções explícitas (Nascimento, 2012).

É o saber que permite a um artesão experiente identificar a melhor parte da pedra para um entalhe específico ou adaptar uma técnica antiga para um novo design. O saber tácito é, portanto, um pilar da singularidade do artesanato, diferenciando-o da produção em série e conferindo um valor intrínseco a cada peça (Sennett, 2009).

4.1.3 Transmissão de Saberes

A transmissão de saberes no artesanato da pedra-sabão em Ouro Preto ocorre predominantemente de forma intergeracional, dentro dos núcleos familiares, constituindo um processo informal e contínuo. Esse modelo de aprendizado se dá pela observação diária e pela prática ao lado de artesãos mais experientes, geralmente pais ou avós, conforme apontam Fischer e Soares (2010). As crianças e jovens começam a auxiliar nas etapas mais simples do trabalho desde cedo, internalizando as técnicas e os valores associados ao ofício de forma orgânica.

Essa forma de transmissão, que Rosimeire, uma das entrevistadas desse estudo, menciona ter aprendido com seu pai, que por sua vez aprendeu com o avô, reforça não apenas a continuidade das técnicas, mas também os laços familiares e comunitários. É um processo que vai além do domínio técnico, envolvendo a assimilação de uma ética de trabalho, de uma identidade profissional e de um senso de pertencimento cultural, como exemplificado pelos depoimentos dos artesãos que viveram o ofício desde a infância, como relata o artesão Fernando Cesar. A prática diária em família permite a perpetuação de um saber vivo, que se adapta e se reinventa, mas mantém suas raízes na tradição.

4.2 Artesanato, Cultura e Identidade

O trabalho configura-se como um elemento central na vida humana, sendo um dos principais pilares na constituição da sociedade, indo além de sua função econômica ao carregar dimensões subjetivas, sociais e culturais (Dejours *et al.*, 2007).

Dessa forma, o trabalho desempenha um papel fundamental na constituição da identidade dos sujeitos, sendo uma via de reconhecimento que permite ao indivíduo ocupar um lugar social, não apenas pelas atividades desempenhadas, mas também pelas singularidades e características subjetivas de cada pessoa. Essa perspectiva é particularmente relevante para o artesanato, que se manifesta como uma prática cultural viva (Chagas, 2018).

Ao ser exercido, o artesanato transmite saberes e se adapta ao longo do tempo, refletindo e perpetuando diferentes modos de vida e o conhecimento acumulado por uma sociedade. Ele representa um saber enraizado em práticas ancestrais, cuja transmissão entre gerações, muitas vezes de pai para filho, fortalece vínculos afetivos e comunitários (Arouche *et al.*, 2020).

Trata-se de uma atividade que valoriza o conhecimento empírico e o saber tácito, um tipo de conhecimento não formalizado, construído pela experiência, pela observação e pela prática cotidiana, elementos essenciais para a identidade do artesão (Dejours *et al.*, 2007).

Entretanto, o trabalho artesanal configura-se como uma atividade profundamente vinculada à identidade do sujeito, à matéria-prima utilizada e aos significados simbólicos atribuídos à produção. É um saber que carrega tradições e práticas transmitidas nos núcleos familiares, onde o fazer humano é conduzido com engajamento corporal, moral e afetivo, sendo, ao mesmo tempo, uma prática e um conceito que expressa um modo singular de estar no mundo (Davel; Cavedon; Fischer, 2012).

A repetição, a sensibilidade e a intuição envolvidas no fazer manual contribuem não apenas para a qualidade simbólica das peças, mas também para a preservação da identidade coletiva e para o reconhecimento dos saberes tradicionais (Arouche *et al.*, 2020).

Essas competências são desenvolvidas a partir do saber-fazer que emerge da prática diária e das situações reais enfrentadas no contexto laboral, muitas vezes exercidas em núcleos familiares, dentro dos próprios lares. O fazer manual é marcado pela possibilidade de escolha e pela liberdade de ser, sendo o sujeito responsável pela construção de sua própria identidade, o que proporciona aos artesãos satisfação e atribuição de sentido àquilo que produzem (Santos; Machado; Castro, 2011).

Pode-se afirmar que o artesanato é resultado de um trabalho autônomo e vivo, no qual cada artesão carrega uma trajetória singular, e cada peça ou artefato produzido adquire um significado próprio, marcado por suas subjetividades (Brandão; Silva; Fischer, 2013).

Dessa forma, o objeto confeccionado torna-se uma extensão de quem o criou, incorporando um valor simbólico insubstituível: a marca da mão humana, criando vínculos do artesão com sua criação. Segundo Sennett (2009), o trabalho artesanal permite que o artesão se envolva profundamente com sua obra, estabelecendo um diálogo contínuo entre mente e mãos, o que nos leva a compreender o artesanato como um processo criativo, dotado de forte valor simbólico.

Os artefatos produzidos continuam sendo inspirados por elementos como crenças, religiosidades, tradições, modos de vida e valores culturais, refletindo representações da realidade cotidiana (Silva, 2006).

O artesanato é também uma forma de resistência cultural, representando a manifestação de um povo e de uma localidade, guardando forte relação com a tradição do local em que é produzido e contribuindo para a criação e consolidação de uma identidade cultural (Fischer; Soares, 2010).

A prática artesanal, além de reforçar os laços comunitários e familiares, estabelece uma relação entre o fazer manual e a valorização da memória coletiva. Cada peça produzida carrega consigo elementos da história, do território e dos modos de vida do grupo ao qual pertence, funcionando como veículo de transmissão cultural e afirmação de pertencimento (Arouche; Pessoa, 2024).

Assim, o artesanato transcende sua materialidade e assume um papel fundamental na manutenção da diversidade cultural e na valorização dos saberes tradicionais frente aos processos de homogeneização provocados pela modernidade e pela lógica produtiva industrial (Fischer; Soares, 2010).

Nesse sentido, o trabalho artesanal se apresenta como uma atividade não alienada, com produções autênticas e repletas de valor, que expressam tradições de um povo e saberes passados entre gerações, sendo constantemente ressignificadas a partir das vivências individuais de cada artesão. Cada peça carrega suas particularidades, tornando o trabalho manual único, cheio de histórias, raízes e originalidade (Carvalho, 2016).

4.3 Produção Artesanal

A produção artesanal transcende a simples manufatura de objetos, configurando-se como uma prática profundamente entrelaçada às vivências cotidianas e ao contexto sociocultural dos artesãos (Pais, 2013).

Os artesãos incorporam em suas produções fragmentos da vida diária, como crenças, festividades, práticas religiosas e os desafios da existência cotidiana, transformando suas peças em expressões tangíveis dessas experiências. Dessa forma, o artesanato assume um papel simbólico essencial ao preservar e transmitir saberes, memórias e identidades culturais, configurando-se como uma extensão da oficina para a vida social (Alegre, 1994).

4.3.1 Entre tradição e Inovação

No campo da produção artesanal, a inovação é frequentemente atravessada por tensões entre a preservação cultural e a adaptação mercadológica. Leite (2005) identifica duas visões predominantes: a tradicionalista, que valoriza a manutenção dos saberes, técnicas e contextos socioculturais, e a mercadológica, que defende a introdução de inovações técnicas e estéticas para ampliar a inserção dos produtos artesanais no mercado. Enquanto a primeira teme que mudanças comprometam a autenticidade e o vínculo simbólico com o modo de vida dos artesãos, a segunda busca viabilizar a sustentabilidade econômica por meio da adequação aos padrões de consumo.

A lógica de mercado, orientada predominantemente pelo capital e pela produtividade em larga escala, entra em conflito com a natureza subjetiva, criativa e culturalmente enraizada do fazer artesanal. Diante das pressões impostas pelos processos produtivos automatizados, o artesanato é frequentemente compelido a atender exigências de padronização e escalabilidade, o que tende a descaracterizar sua essência e a restringir a criatividade de seus produtores (Sennett, 2009).

Nesse contexto, observa-se o risco de que o trabalho artesanal seja gradativamente submetido a um processo de mecanização, no qual o artesão, esvaziado de sua subjetividade, é reduzido à condição de mero instrumento de produção de baixo custo (Salgado; Franciscatti, 2013).

Com o avanço tecnológico e a expansão das dinâmicas capitalistas sobre diversas formas de trabalho, o artesanato também passa a ser reinterpretado dentro de uma lógica de inovação, empreendedorismo e competitividade. Salgado e Franciscatti (2013) afirmam que, em muitos casos, a inovação não se manifesta diretamente no resultado final, mas sim na

busca por formas mais eficientes de realizar determinadas atividades, otimizando o tempo e aperfeiçoando os processos de produção.

Os artesãos, por sua vez, frequentemente enfrentam a pressão de garantir sua subsistência, o que os leva a ajustar suas práticas de acordo com as demandas imediatistas dos consumidores e as dinâmicas do mercado globalizado. Nesse contexto, acabam por repetir modelos padronizados e adotar procedimentos semi-industriais, o que, segundo Peralta (2005), tende a enfraquecer ainda mais a estrutura produtiva do artesanato.

Entretanto, na produção artesanal, cada artefato carrega consigo uma carga imaterial composta por história, memória e identidade, refletindo saberes ancestrais e tradições transmitidas de geração em geração. Trata-se de um trabalho que exige o saber manual e a presença subjetiva do artesão, elementos que não podem ser plenamente replicados por máquinas ou processos industrializados (Nascimento, 2012).

4.3.2 Inovação no Artesanato: Tipologias

A inovação no artesanato pode se manifestar de diversas formas, indo além da simples criação de peças totalmente novas. Uma tipologia importante é a Inovação Incremental, que, de acordo com Carvalho, Reis e Cavalcante (2011), refere-se a melhorias significativas em produtos, processos ou serviços já existentes, sem alterar substancialmente seu padrão de referência.

No artesanato em pedra-sabão, isso pode incluir o aprimoramento de ferramentas para otimizar o corte, o desenvolvimento de novas técnicas de acabamento, conforme Figura 1, ou a incorporação de detalhes estéticos que modernizam peças tradicionais sem descaracterizá-las.

Figura 1 – Novas técnicas de acabamento



Fonte: a autora (2025).

Além das inovações incrementais de processo ou produto, observa-se também a Inovação Estética, que se refere à introdução de novos designs, cores ou estilos que atendem às tendências de mercado, como demonstra a Figura 2, e às preferências dos consumidores

Figura 2 – Inovação nas cores



Fonte: a autora (2025).

A Inovação Organizacional também é relevante, envolvendo mudanças nas formas de comercialização, como a venda pela internet, conforme demonstra Figura 3. O artesão Lindomar relata que já vendeu online, embora prefira a feirinha de Ouro Preto, ou a participação em eventos e feiras para alcançar novos públicos. Essas tipologias de inovação, embora distintas, frequentemente se complementam na prática artesanal.

Figura 3 – Embalando mercadorias para entrega online



Fonte: a autora (2025).

A inovação, portanto, não é uma ameaça inerente à tradição, mas uma ferramenta que pode garantir a relevância e a sustentabilidade do artesanato no mercado contemporâneo, desde que seja aplicada de forma consciente e respeite a essência do trabalho manual (Tedesco, 2012).

Ao invés de mecanização, o foco pode ser em aprimoramento de processos ou em novos usos para peças já conhecidas. A capacidade de integrar o novo ao tradicional, com criatividade e adaptabilidade, é fundamental para o artesão.

4.3.3 Mercado e Sustentabilidade do Artesanato

A sustentabilidade do artesanato no mercado contemporâneo é um desafio multifacetado, dado o cenário de consumo acelerado e a competição com a produção industrial. Embora a industrialização não seja capaz de reproduzir a singularidade e a alma do fazer artesanal, ela pode, no entanto, contribuir para a ampliação do alcance comercial dessas produções (Peralta, 2005). Os artesãos enfrentam a pressão de equilibrar a produção manual, que demanda tempo e dedicação, com as expectativas de preço e volume dos consumidores modernos, que muitas vezes não compreendem o valor intrínseco de uma peça artesanal.

A escassez de novos profissionais qualificados e a dificuldade de adaptação às dinâmicas de um mercado globalizado também são fatores que ameaçam a continuidade do setor (Vargas, 2016). A perpetuação do artesanato exige, portanto, não apenas a inovação nas técnicas e produtos, mas também a criação de um ambiente favorável que reconheça e valorize o trabalho manual em sua plenitude, protegendo sua autenticidade e promovendo sua viabilidade econômica a longo prazo.

5 METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender o impacto da inovação no trabalho artesanal e nos modos de vida dos artesãos. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, sendo a pesquisa realizada com artesãos que atuam na tradicional “feirinha de pedra-sabão”, localizada na cidade de Ouro Preto, local de comercialização de produtos artesanais.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco artesãos presentes na feirinha, complementadas por observações em campo, que possibilitaram o registro detalhado do ambiente de trabalho, da exposição das peças e das interações com os consumidores.

Todos os participantes foram escolhidos por estarem ativamente engajados na produção e comercialização de artefatos de pedra-sabão na feirinha, com variados tempos de experiência. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, transcritas integralmente e organizadas de forma a preservar a fidelidade dos discursos.

O roteiro das entrevistas foi elaborado a partir dos principais conceitos abordados na revisão bibliográfica, tais como tradição, inovação e identidade cultural, buscando compreender as percepções dos artesãos sobre as transformações em seus modos de produção.

A metodologia adotada baseia-se no estudo de caso, que, conforme Yin (2011, p. 32), consiste em “uma investigação empírica que examina um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidas”. Esse método mostrou-se adequado para analisar as complexidades e nuances do trabalho artesanal no contexto específico da feirinha de pedra-sabão, permitindo uma compreensão aprofundada das experiências e perspectivas dos artesãos diante da inovação.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conhecida popularmente como “Feirinha de Pedra Sabão”, a Associação de Expositores do Largo do Coimbra (ADELC) reúne artesãos em frente à Igreja de São Francisco de Assis desde 1995, embora sua formalização como associação tenha acontecido apenas em 1999. Há registros de que, já em 1973, alguns artesãos utilizavam o local para expor seus trabalhos. Documentos históricos também indicam que essa área servia como ponto de trocas e comércio de mercadorias e serviços desde 1824.

Atualmente, a feira conta com mais de 50 bancas, oferecendo atendimento acolhedor a turistas do Brasil e de diversos países. Ali é possível encontrar joias como colares, brincos, anéis e pulseiras, além de camisetas e bonés bordados, pedras preciosas e diferentes peças decorativas feitas em pedra sabão. É uma excelente opção para quem deseja levar lembranças de Ouro Preto ou presentear alguém de forma especial. Em 2016, a Feirinha de Pedra Sabão foi reconhecida como utilidade pública municipal.

A análise dos depoimentos dos artesãos entrevistados na feirinha de pedra-sabão de Ouro Preto, conforme Figura 4, em conjunto com o referencial teórico, oferece insights valiosos sobre o impacto da inovação no trabalho artesanal, permitindo responder aos objetivos propostos por este estudo.

Figura 4 – Feira de Pedra-sabão de Ouro Preto



Fonte: a autora (2025).

Em Ouro Preto, a pedra-sabão é base para muitos trabalhos de artesanatos. O material ficou muito conhecido por ter sido usado nas esculturas de Aleijadinho, conforme Figura 5. (GLOBO, 2025).

Figura 5 – Trabalhos feitos por artesãos em pedra-sabão



Fonte: GLOBO (2025)

As peças chamam atenção pela delicadeza e precisão dos traços. Muitos artesãos se dedicam há décadas no trabalho com pedra-sabão, como demonstra na Figura 6.

Figura 6 – Pintura em pedra-sabão



Fonte: GLOBO (2025).

Os relatos dos artesãos indicam uma complexa relação com a inovação, que ora aprimora, ora desafia a natureza única de suas produções. Rosimeire, por exemplo, destaca que suas peças já vêm prontas para decoração, pois "dá muito pó", e que ela apenas desenha, não produz as peças brutas.

Ela menciona que seu trabalho de fabricação mudou para desenho, mas que "inovar ajuda" na venda, "quanto mais você trabalha mais na peça, mais facilidade pra você vender".

Isso sugere uma inovação organizacional, no processo de passar de fabricar para apenas decorar, que, embora possa ter um viés de especialização, também pode representar uma perda de controle sobre a totalidade do processo produtivo.

A inovação no artesanato pode acontecer de múltiplas maneiras, não se restringindo apenas à criação de peças inéditas. Um exemplo relevante é a Inovação Incremental, que, conforme destacam Carvalho, Reis e Cavalcante (2011), envolve aprimorar de forma significativa produtos, processos ou serviços já existentes, sem modificar de maneira profunda seu modelo original, como demonstrado na Figura 7, em que personaliza-se o material a gosto do cliente.

Figura 7 – cinzeiro em pedra sabão



Fonte: a autora (2025)

Fernando César, que trabalha com artesanato desde criança, relata que sua produção diminuiu consideravelmente ao longo do tempo. Ele afirma: "Eu fazia cem bolas, hoje eu estou fazendo 10, no dia. É muito trabalhoso". Isso indica uma limitação da produção manual em larga escala, característica que o diferencia da produção industrial. Em entrevista à Globo, em 2025, Fernando César relata que se arriscou a trabalhar com pedra-sabão, como Figura 8, desde a década de 80, observando outros artesãos.

Figura 8 – Fernando César decorando uma peça em pedra-sabão



Fonte: GLOBO (2025)

Para Fernando César, inovar significa "tentar fazer diferenciado para ver se a gente consegue mudar", mas sempre "de cabeça mesmo". "A partir da internet não é artesanal." Essa visão ressalta a importância da criatividade individual e da originalidade como elementos-chave da inovação artesanal, que se opõe à massificação de ideias, como demonstra na Figura 9, que inovou no bordado em pedra-sabão, sendo reconhecido por isso.

Figura 9 – Entrevista com o artesão Fernando Cesar



Fonte: a autora (2025).

A artesã Michele menciona a procura por peças mais neutras por decoradores e arquitetos, por exemplo. Michele, por sua vez, abraça a inovação como uma necessidade de mercado. Ela observa que "o que tá em alta é os kits saboneteiros" e que "sempre tem uma coisa diferenciada no artesanato que muda". Ela pesquisa tendências na internet e em revistas de decoradores e arquitetos, trazendo essas ideias para a feirinha: "A gente vai percebendo conforme a gente vai vendo as propagandas, Instagram... e vendo qual que tá sendo a tendência mais procurada pelos turistas. Você pesquisa na internet, no Instagram e traz pra cá". Isso demonstra uma inovação impulsionada pela demanda do consumidor, que busca peças "neutras, lisas" para ambientes modernos, em contraste com as peças mais bordadas.

A questão da valorização é central. Marta expressa a desvalorização do trabalho artesanal: "o meu trabalho, eu levei três dias pra fazer essa peça. Tô vendendo há tantos reais. Aí você põe aí um valor de um pedreiro que trabalha três dias, ele recebe o triplo.

Fernando César traz essa mesma percepção, comparando o tempo de produção de suas peças com a diária de um pedreiro qualificado, ressaltando que o valor da peça artesanal não corresponde ao tempo e esforço investidos: "Se pegar um pedreiro hoje, uma comparação... você vai cobrar 250 reais na diária dele para trabalhar com você. Três dias, 750. Então esse trabalho está completamente... Fora da pesquisa do... Que vocês gastam muito tempo para fazer". Embora a inovação possa ajudar a vender mais, como aponta Rosimeire, a valorização intrínseca do trabalho manual ainda é um desafio.

Esses depoimentos corroboram a ideia de Salgado e Franciscatti (2013) de que, embora a inovação possa otimizar processos, a pressão para atender o mercado pode levar a uma padronização ou, no limite, a uma semi-industrialização que descaracteriza a essência artesanal (Peralta, 2005). A singularidade da peça está ligada ao tempo dedicado e ao caráter autoral do artesão, aspectos que a inovação, especialmente se focada apenas na venda, pode comprometer se não for guiada por um compromisso com a arte.

O segundo objetivo visou compreender de que forma o artesanato resiste à lógica da produção industrial e à substituição pelo trabalho automatizado. Apesar das pressões, os artesãos entrevistados demonstram uma forte resistência a abandonar a essência do trabalho manual. Fernando César, ao falar sobre a criação de novas ideias, enfatiza que suas criações vêm "de cabeça mesmo. A partir da internet não é artesanal".

Essa declaração reflete uma recusa à cópia e à padronização que caracteriza a produção industrial, valorizando a originalidade e a criatividade individual como pilares do artesanato.

A própria natureza da produção em pedra-sabão, com sua maleabilidade e a

necessidade de um toque manual, naturalmente impõe uma barreira à automação completa. Como Rosimeire afirma, "cada hora eu faço um" e "o que a gente já faz, né, e já deixa pendurado, já chega e vê, gostou e leva", sem pedido de cliente.

Isso indica um modelo de produção mais orgânico, menos pautado por encomendas massivas e mais pela inspiração do momento, em contraste com a lógica de demanda e escala da indústria. Lindomar também reforça que suas criações "vai na hora, vai na mente. Depende do dia, né? É muito do estado também, as peças, né?", evidenciando a subjetividade e a não padronização como características intrínsecas ao seu trabalho.

A questão da produção em massa também é um limitador natural. Fernando César explica que, embora haja demanda, ele e seu irmão não conseguem produzir para além da barraca: "Eu não tenho condições de fazer, porque eu não consigo fazer nem para a barraca, porque não tem ninguém trabalhando comigo, eu trabalho sozinho... E a produção não é muita".

Marta também teve que dispensar pedidos de lojas porque "não dava conta de fazer", mesmo com a ajuda do marido e filho, pois "é um trabalho muito singular", que exige "muito carinho" e "muito cuidado, muito zelo". Essa incapacidade ou recusa de expandir a escala de produção é uma forma de resistência ativa à lógica industrial que busca maximizar o volume.

A resistência também se manifesta na importância dada à emoção e ao significado do trabalho. Fernando César observa que o artesão "vende a emoção dele, não é a arte. Ele vende a emoção". Ele acrescenta que, "o artesanato ninguém quer saber se você é... Você está na televisão? Você está no fantástico? Ninguém quer saber disso, não. Ele quer saber... Eles olham o trabalho".

Essa valorização da conexão pessoal e da qualidade intrínseca da peça, em detrimento do reconhecimento midiático ou da produção em massa, sustenta a resistência contra a descaracterização do mercado. Mesmo com as inovações (como as saboneteiras líquidas que Michele faz), a adaptação é feita sob a perspectiva artesanal, buscando o "diferencial" e o "aprimoramento", e não a replicação mecânica.

O terceiro objetivo buscou identificar os impactos socioculturais do trabalho artesanal e sua contribuição para a identidade e autonomia dos trabalhadores. Os depoimentos dos artesãos revelam que o ofício vai muito além de uma atividade econômica, sendo um pilar fundamental na construção de suas identidades e na promoção de sua autonomia.

Rosimeire expressa um "orgulho muito grande" em ser artesã, afirmando: "A gente vive disso aqui. Criei minhas filhas, criei tudo através do trabalho da pedra de sabão". Para ela, o trabalho é também uma forma de distração e relaxamento, onde "você esquece de tudo.

Seu foco é todo aqui". Essa conexão profunda com o trabalho demonstra o papel do artesanato na formação da identidade pessoal e na realização individual, conforme Sennett (2009) descreve sobre o envolvimento do artesão com sua obra.

A transmissão de saberes entre gerações, como relatado por Rosimeire "Eu já aprendi com meus pais, ela já aprendeu comigo e vai levando. Vai passando pra frente" e Fernando César, que ensinou outras pessoas a bordar, é um forte elemento sociocultural. Embora Fernando não tenha tido continuidade familiar direta no ofício, ele menciona que sua filha "não quis seguir, não. Ela quer estudar", mas valoriza a possibilidade de "sequência do pessoal que aprendeu comigo".

Marta, por outro lado, vê sua filha sair de um emprego formal para trabalhar com ela, dizendo que "CLT, ela falou que nunca mais na vida dela", destacando a liberdade e autonomia que o artesanato oferece.

A autonomia é um aspecto importante. Lindomar afirma que não vê "um desafio nisso" de ser artesão, e que gosta de criar "do meu jeito" e "vai na hora", sem seguir um padrão fixo. Marta faz "tudo do zero" e acredita que "o artesão que tem que pôr o preço mesmo. Não é a concorrência que tem que pôr o preço", sublinhando o controle e a liberdade sobre seu trabalho, em contraste com a subordinação em outros setores. Essa autonomia, no entanto, vem acompanhada de desafios, como a falta de apoio da prefeitura, mencionada por Fernando César e Michele, que se sentem "muito jogados" e "esquecidos", relatam.

Apesar da falta de apoio externo, a comunidade de artesãos persiste. A tradição é vista como importante, mas flexível. Fernando César diz que "vai manter a tradição só de conhecimento", mas de trabalho "eu acho que não", sugerindo que a tradição é um ponto de partida, mas não uma amarra.

Michele concorda que inovar "ajuda" a valorizar o trabalho, mas também sente que "é importante também manter a tradição". Marta também valoriza a tradição, porque é "uma coisa que vem com o passar dos anos" e que está deixando para seus filhos. A identidade do artesão se constrói, portanto, nesse equilíbrio dinâmico entre o apego às raízes e a capacidade de adaptação, com a autonomia de decidir como e o que produzir.

Uma das principais dificuldades de perpetuação do artesanato reside na valorização monetária do trabalho, conforme observa a artesã Marta, comparando o valor do seu trabalho ao de um pedreiro, onde o artesão investe dias em uma peça, mas o retorno financeiro é desproporcional ao esforço e tempo dedicados.

Fernando César complementa essa visão, citando que uma peça que leva três dias para ser feita tem um valor simbólico que não se compara à diária de outros profissionais,

indicando um descompasso entre o valor do tempo e o preço de venda. Essa desvalorização econômica é um entrave significativo para a sustentabilidade e para a atração de novas gerações ao ofício.

Outro desafio é a concorrência desleal e a falta de apoio institucional, como mencionado pelos artesãos Fernando César e Michele, que relatam a ausência de apoio da prefeitura e a concorrência com jardineiras que denigrem a feirinha.

7 CONCLUSÃO FINAL

O presente estudo buscou analisar o impacto da inovação no trabalho artesanal em pedra-sabão na feirinha de Ouro Preto, através de entrevistas com artesãos locais. O objetivo geral de compreender como a inovação contribui na produção e venda dos artefatos foi alcançado ao explorar a complexa relação entre as práticas tradicionais e as adaptações contemporâneas, evidenciando que a inovação, embora necessária para a sustentabilidade e inserção no mercado, deve ser cuidadosamente mediada para não descaracterizar a essência singular do artesanato.

Em relação ao primeiro objetivo específico, que era examinar como a inovação e a mecanização afetam a singularidade e a valorização do artesanato, os resultados indicam que a inovação se manifesta principalmente em aprimoramentos de processos, como a divisão do trabalho na decoração, e em adaptações estéticas impulsionadas pelo mercado, com a pesquisa de tendências.

Contudo, a singularidade das peças ainda reside na criatividade individual e na produção manual, que não pode ser facilmente escalada. A valorização, no entanto, permanece um desafio, com os artesãos percebendo uma discrepância entre o valor intrínseco de seu trabalho e o preço de venda, destacando a necessidade de maior reconhecimento do tempo e esforço dedicados.

Quanto ao segundo objetivo, que visava compreender de que forma o artesanato resiste à lógica da produção industrial e à substituição pelo trabalho automatizado, a pesquisa revelou uma forte persistência do caráter autoral e não massificado. A recusa em copiar da internet, a natureza orgânica da criação conforme relatos "de cabeça", "na hora", e as limitações inerentes à produção manual demonstram que o artesanato de pedra-sabão, em sua essência, não se dobra facilmente à padronização ou à automação. A paixão e a emoção investidas na peça são elementos que a indústria não consegue replicar, servindo como uma barreira natural e cultural contra a descaracterização.

Por fim, o terceiro objetivo, que consistia em identificar os impactos socioculturais do trabalho artesanal e sua contribuição para a identidade e autonomia dos trabalhadores, confirmou que o ofício é um pilar central na vida dos artesãos. Ele não apenas provê sustento, mas molda a identidade, oferece autonomia e proporciona um senso de orgulho e realização.

A transmissão geracional dos saberes reforça os laços familiares e comunitários, mesmo que as novas gerações busquem caminhos diferentes. A autonomia na criação e na

precificação, embora desafiada pelas condições de mercado e pela falta de apoio, é um valor inegociável que mantém a vitalidade do artesão.

Em síntese, a inovação no artesanato de pedra-sabão em Ouro Preto é um processo de adaptação contínua que busca equilibrar a tradição com as demandas do mercado. Embora traga desafios para a valorização econômica e exponha os artesãos à concorrência, ela também permite a renovação estética e a perpetuação do ofício.

É fundamental que as políticas públicas e a sociedade reconheçam o artesanato não apenas como um produto, mas como um modo de vida, valorizando o saber tácito, a transmissão de saberes e a contribuição inestimável para a identidade cultural e a autonomia dos trabalhadores.

Futuras pesquisas poderiam explorar modelos de negócio inovadores que promovam maior valorização, ou investigar o papel das associações de artesãos na articulação de demandas e na promoção do setor.

ANEXO

1. Há quanto tempo você trabalha com artesanato e como aprendeu essa atividade?
2. O que é para você ser artesão?
3. Como você decide quais modelos produzir? Você segue alguma tendência ou faz do seu jeito?
4. Como surgem novas ideias para suas criações?
5. Já teve vontade de mudar totalmente o estilo ou técnica para vender mais ou atender pedidos de clientes ?
6. Você considera que sua forma de produzir mudou com o tempo?
7. O que, para você, é inovar no artesanato?
8. Você acredita que inovar ajuda a valorizar o seu trabalho ou pode descaracterizar o artesanato? Por quê?
9. Você sente que é importante manter a tradição no seu trabalho? Por quê?
10. Quais os maiores desafios que você enfrenta hoje como artesão/artesã?

REFERÊNCIAS

- ALEGRE, S. P. **Mãos de Mestre: Itinerários da Arte e da Tradição**. São Paulo: Editora Maltese, 1994.
- AROUCHE, K. K. M. *et al.* **A produção artesanal em fibra de buriti: uma análise da qualidade de vida de artesãs ludovicenses**. Encontro Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2020.
- AROUCHE, K. K. M.; PESSOA, G. T. D. B. C. *et al.* **A produção artesanal em fibra de buriti: uma análise da qualidade de vida de artesãs ludovicenses**. In: ANAIS DO VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA (ENPECOM), 2024.
- BIEHL, P. F. S.; DA COSTA, C. **Tecendo vidas: artesanato em lã, saberes e identidade territorial no Pampa**. DRd-Desenvolvimento Regional em debate, v. 9, p. 331-346, 2019.
- BRANDÃO, P. de M.; SILVA, F. R. M. da; FISCHER, T. M. D. **Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis**. Tourism & Management Studies, v. 9, p. 115-126, 2013.
- CARVALHO, D. S. de. **Atividade artesanal e o processo de significação do trabalho**. 2016. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- CARVALHO, H. G. de; REIS, D. R. dos; CAVALCANTE, M. B. **Gestão da Inovação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CHAGAS, T. T. R. das. **Aqui a pedra tem vida: um estudo sobre o artesão da Pedra Sabão**. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- DAVEL, E.; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. **A vitalidade artesanal da gestão contemporânea**. Revista Interdisciplinar de Gestão Social, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2012.
- DEJOURS, C. **Conjurer la violence: travail, violence et santé**. Paris: Payot, 2007.
- FISCHER, T.; SOARES, R. **Aqui aprendeu da mãe que aprendeu da mãe: memórias e significados do artesanato no território do Sisal (Bahia)**. In: ENCONTRO DA ANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.
- GALVÃO, R. **Pedra-sabão: conheça a história do material símbolo da herança cultural mineira**. Casa Vogue, 2021. Disponível em: casavogue.com. Acesso em: 23 ago 2025.
- LEITE, R. P. **Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. Olhares Itinerantes: reflexões sobre o artesanato e consumo da tradição**. São Paulo: Central ArteSol, 2005.
- MARTINS, J. B. **Trabalho e cultura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- MELLO, M. S. **Artesanato: o fazer tradicional e o mercado global**. São Paulo: Editora Senac, 2016.

NASCIMENTO, L. M. A. L. do. **Saberes e fazeres na construção social da maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia.** Revista Inter-Legere, n. 10, p. 18-35, 2012.

PAIS, J. M. **O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa.** Revista Brasileira de Sociologia, v. 1, n. 1, p. 107–128, jan./jul. 2013.

PERALTA, J. A. **Desarrollo del sector artesanal.** In: VERGARA, P. (Org.). Desenvolvimento Econômico Territorial e Emprego – Documento de Base: II Seminário Internacional DETE. Fortaleza: [s.n.], 2005.

REZENDE, E. F. de. **Barroco mineiro: nação civilizada, patrimônio protegido.** 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SALGADO, M.; FRANCISCATTI, K. V. S. **Contraponto entre arte, artesanato e trabalho: a falsa diferenciação e a atrofia da fantasia.** In: Anais do IV Seminário de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. São João Del Rei, 2013.

SANTOS, T. D. S.; MACHADO, R. T. M.; CASTRO, C. C. **O sentido do trabalho em um setor fragmentado.** In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 8., 2011, Resende. Anais [...]. Resende: [s.n.], 2011.

SENNETT, R. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, H. M. **Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro.** 2006. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, A. L. **Artesanato: tradição, criatividade e mercado.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

TEDESCO, J. C. **Saberes e fazeres entre os afazeres: a dinâmica e os sentidos de produtos artesanais entre camponeses do norte e nordeste do RS.** In: 36º Encontro Anual da Anpocs, GT 20: Metamorfoses do rural contemporâneo, 2012.

VARGAS, D. L. **Tecendo tradição: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do pampa gaúcho.** 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

VIVES, J. **Artesanato: o fazer tradicional e o mercado global.** São Paulo: Editora Senac, 1983.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.